

AS METAMORFOSES DO CONCEITO DE CIDADE

the metamorphoses in the concept of the city

Pedro de Almeida Vasconcelos *

Resumo

O texto inicia com quatro questões preliminares e segue com as definições etimológicas das palavras cidade, urbano e aglomeração. Na parte principal do texto, a produção do conceito de cidade é examinada a partir de textos originais de autores escolhidos, apresentados em seis períodos ao longo dos séculos XIX e XX: (1) O período pré-acadêmico (1810-1869); (2) O período da institucionalização das ciências sociais (1870-1923); (3) O período entre as guerras mundiais (1914-1944); (4) O período do pós-guerra, dos “30 anos gloriosos” (1945-1972); (5) O período do início da crise atual (1973-1994); (6) O período atual (1995-2015). Nas Considerações Finais é levantada a questão da pertinência de denominar “cidade”, fenômenos complexos tão diversos em diferentes tempos e espaços.

Palavras-Chave: Conceito; Cidade; Espaço urbano; Períodos.

Abstract

The text starts with four preliminary issues followed by the etymological definition of the words city, urban and agglomeration. In the main part of the text the production of the concept of city is examined in original texts of selected authors, presented in six periods over the nineteenth and twentieth centuries: (1) pre-academic period (1810-1869); (2) period of institutionalization of the social sciences (1870-1923); (3) period between the world wars (1914-1944); (4) post-war period, the “glorious 30 years” (1945-1972); (5) period from the beginning of the current crisis (1973-1994); (6) current period (1995-2015). In the final considerations the question is raised about the appropriateness of referring to the word “city” for complex phenomena so diverse in different times and spaces.

Key words: Concept; City; Urban space; Periods

Résumé

Le texte commence par quatre questions préliminaires suivies par les définitions étymologiques des mots ville, urbain et agglomération. La production du concept de la ville est analysée à partir de textes originaux d'auteurs choisis et est présentée dans le corps du texte en six périodes le long des du XIXème et XXème siècles: (1) La période pré-académique (1810-1869); (2) La période de l'institutionnalisation des sciences sociales (1870-1923); (3) La période de l'entre-deux-guerres (1914-1944); (4) La période de l'après guerre, des “30 glorieuses” (1945-1972); (5) La période du début de la crise actuelle (1973-1994); (6) La période actuelle (1995-2015). Dans les Considérations Finales, la pertinence de la dénomination de “ville” pour des phénomènes complexes aussi divers en différents temps et espaces est questionnée.

Mots-clés: Concepts; Ville; Espace urbain; Périodes.

(*) Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia, Bolsista Produtividade do CNPq - Rua Barão de Geremoabo, s/n, CEP:40170-290, Salvador (BA), Brasil. Tel: (+55 71) 32838569 - pavascon@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Discutir as transformações do conceito de cidade é fundamental, mas algumas questões preliminares devem ser colocadas.

Em primeiro lugar existem questões políticas pouco divulgadas, como por exemplo, as exigências do editor da Hachette a Elisée Reclus, de “não comentar suas opiniões políticas” na elaboração dos 19 volumes da Nova Geografia Universal – A Terra e o Homem, enquanto que em O Homem e a Terra, onde à temática urbana é destacada, o autor ficou livre dessas exigências (PELLETIER, 2010, p. 10-11).

Em segundo lugar deve ser considerado o contexto histórico, as vezes explicitado, como no caso do historiador do urbanismo, o norte americano Lewis Mumford, que propôs na sua obra de 1938 a noção de “tiranópole”, “onde apareceriam os ditadores gângsteres, como Hitler e Mussolini” (1945, p. 122-123). Mas na maior parte das vezes, não está implícito com quem o autor está dialogando.

Em terceiro lugar é necessário verificar em que espaço geográfico (e temporal) o conceito foi elaborado. Um exemplo bem interessante é o de Francesco Indovina quando propôs o conceito de “Cidade Difusa”, mostrou que o fenômeno tinha algumas semelhanças com os subúrbios norte-americanos, mas “pode ser considerada a resposta italiana (europeia?) aos problemas que no continente americano deram lugar aquela forma muito particular de organização do espaço” (2004, p. 50).

Finalmente, destaco as questões levantadas pelo colega Paulo Cesar Costa Gomes: a importância da observação nas Ciências Sociais (“muitas vezes tem sido relegada a um plano inferior”); considerando os temas construídos como uma “sucessão de afirmativas gerais e genéricas”; e, sobretudo, o prestígio da denúncia, não havendo “um lugar para as dúvidas ou mesmo para investigação” (GOMES, 2013, IX).

De fato, todos nós sabemos o que é uma cidade, embora seja difícil defini-la. O público em geral, inclusive os jornalistas e políticos, confundem ainda “cidade” com “município”, por exemplo.

A palavra cidade vem do latim “civitate”, noção próxima de “civitas” que deu origem as palavras cidadão e civilização. A palavra urbano vem do latim “urbs”, que também significa cidade. Já a palavra grega “polis”, cidade e “politikos”, da cidade, deram origem a palavra política. Finalmente a noção de aglomerado vem do latim “glomus, glomero” e significa bola ou fazer em bola (LACOSTE, 2005, p. 21, 80, 315).

Podemos dividir a produção dos conceitos sobre a cidade em seis períodos. Em cada período destacaremos as tentativas de conceituar as cidades por autores originários de diferentes disciplinas e mesmo de autores não acadêmicos.

O PERÍODO PRÉ-ACADÊMICO (1810-1869)

No livro a Ideologia Alemã (1846), produção conjunta de Karl Marx e Friedrich Engels, os autores elaboram uma primeira definição de cidade, como “a realidade da concentração da população, dos instrumentos da produção, do capital, dos prazeres, das necessidades [...]” (p.64). Talvez o interesse sobre o assunto tenha vindo mais de Engels, tendo em vista a publicação no ano anterior do livro A formação da classe trabalhadora na Inglaterra, no qual ele descreve a cidade de Londres e sobretudo as condições precárias dos operários em Manchester.

Ildefonso Cerdá, autor do plano de expansão de Barcelona, na sua obra Teoria General de la Urbanización (1867) quando introduziu a noção de urbanização, definiu as cidades como “[...] fragmentos das épocas passadas muito mal reunidas” (p. 169).

Na Alemanha, o geógrafo Friedrich Ratzel, no seu livro Antropogeographie, de 1882, propôs a seguinte definição de cidade: “um adensamento contínuo de pessoas e habitações humanas, que ocupa uma considerável área do solo e que está localizado no centro das principais linhas de tráfico”.



O PERÍODO DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS (1870-1913)

Ferdinand Tonnies, no seu livro *Comunidade e Sociedade*, de 1887, chegou a mencionar a existência de uma “cidade mundial”, que conteria a essência de todo um grupo de povos.

O historiador Paul Meuriot em sua tese de 1897 *As aglomerações urbanas na Europa contemporânea*, preferiu trabalhar com a noção de aglomeração urbana, que seria “a reunião em um espaço relativamente restrito de uma população mais ou menos considerável” e que seria caracterizado pela diversidade (Apud VASCONCELOS, 2012, p. 92-03).

O sociólogo René Maunier, na sua tese de 1910, *A origem e a função econômica das cidades*, procurou estabelecer a diferença entre o espaço físico simples e homogêneo e o espaço social diferenciado e heterogêneo (p. 13), definindo o espaço social como a “projeção da sociedade na parte do espaço físico que ele ocupa” (p. 14) e a cidade como uma “sociedade complexa cuja base geográfica é particularmente restrita relativamente a seu volume [...]” (p. 44), dentro da concepção da morfologia social.

Max Weber, que teria escrito seu texto sobre a cidade, entre 1910-1913, publicado após seu falecimento, propõe, no primeiro capítulo “Conceito de cidade e categoria de cidades”, a definição de “Comunidade urbana”, que deveria ter um caráter industrial e comercial predominante, e apresentar as seguintes características: fortificações; um mercado; um tribunal próprio; formas de associação correspondentes e autonomia pelo menos parcial, o que seria um fenômeno específico do Ocidente, não sendo encontrado nem na Antiguidade, nem nas cidades orientais.

O PERÍODO ENTRE AS GUERRAS MUNDIAIS (1914-1944)

Em 1916 Robert Ezra Park, fundador da Escola de Sociologia Urbana de Chicago, publicou o texto “A Cidade: sugestões para a pesquisa sobre o comportamento humano em meio urbano” republicado no livro *The City* de 1925, quando afirmou que a “cidade é, sobretudo, um estado de espírito, um conjunto de costumes e tradições, de atitudes e sentimentos organizados, inerentes à esses costumes e que são transmitidos com essas tradições” (p. 1)

O arquiteto norte-americano Frank Lloyd Wright, no seu livro *The Disappearing City*, de 1932, propôs a ideia de “Broadacre City”, ou seja, uma cidade dispersa, em que cada família teria um lote mínimo de um acre (cerca de 4.000 m²), estruturada em uma super autoestrada, com pelo menos por seis vias e vias secundárias de três vias (p. 94) onde reinaria o automóvel.

Louis Wirth um dos principais sociólogos da Escola de Chicago ficou conhecido pelo seu artigo clássico “O urbanismo como modo de vida”, de 1938, no qual visava elaborar uma definição sociológica da cidade, a partir de um número limitado de categorias básicas, ou seja, como um núcleo relativamente grande, denso e permanente de indivíduos socialmente heterogêneos.

No mesmo ano o historiador do urbanismo norte-americano Lewis Mumford nos deu uma rica definição de cidade no seu livro *A Cultura das Cidades* como um “[...] plexo geográfico, uma organização econômica, um processo institucional, um teatro de ação social e um símbolo estético de unidade coletiva” (p. 433).

O PERÍODO DO PÓS-GUERRA, DOS “30 ANOS GLORIOSOS” (1945-1972)

Outro urbanista norte-americano Kevin Lynch no seu livro *A Imagem da Cidade*, de 1960, numa perspectiva fenomenológica afirmou que a cidade “existe mais do que a vista alcança, mais do que o ouvido pode ouvir” (p. 11).

No livro do geógrafo Jean Gottmann *Megalopolis* de 1961, ela seria definida como uma área urbanizada com uma estrutura nebulosa; e seria o resultado de um crescimento excepcional e uma área pioneira. Neste caso trata-se de um gigantesco conjunto urbano-regional ligando várias metrópoles desde Boston até Washington nos Estados Unidos.



O filósofo Henri Lefebvre foi um dos intelectuais que mais estudou as cidades, tema secundário na Filosofia. No seu famoso livro *O Direito à Cidade*, de 1968, ele definiu a cidade como “a projeção da sociedade sobre o terreno” (p. 64). No seu livro *A Revolução Urbana*, de 1970, ele afirmou que “o urbano (o espaço urbano, a paisagem urbana) não o vemos” (p. 43). O urbano “é uma forma pura: o ponto de encontro, o lugar de reunião, a simultaneidade” (p. 159).

O sociólogo espanhol Manuel Castells, publicou o clássico *A Questão Urbana* em 1972, dentro da concepção marxista-estruturalista. No referido livro ele definiu “espaço” como “um produto material, em relação com outros elementos materiais [...] que dão ao espaço [...] uma forma, uma função, uma significação social” (p. 152) e que o “espaço urbano” seria estruturado (p. 153). Ele também considerou “o espaço da produção como sendo o espaço regional e o da reprodução sendo chamado espaço urbano” (p. 476), o que ele corrigiu no seu posfácio de 1975. Finalmente, definiu “estrutura urbana” como um “conceito que especifica a articulação das instâncias fundamentais da estrutura social no interior das unidades urbanas consideradas” (p. 477).

O PERÍODO DO INÍCIO DA CRISE ATUAL (1973-1994)

Mais recentemente, as definições de cidade variam segundo a corrente em que o autor se vincula, como, por exemplo, a do geógrafo inglês David Harvey (1973), para o qual a cidade seria um “[...] sistema dinâmico complexo no qual a forma espacial e o processo social estão em contínua interação” (p. 34). Em seguida o mesmo autor passou para o paradigma socialista e considerou a cidade como “o lugar das contradições acumuladas” (p. 174).

Desde 1980 Jean Bastié e Bernard Dezert fizeram a proposta de que a noção de cidade deveria ser substituída pela de “espaço urbano”, que definem como “um espaço geométrico, mas também como um espaço físico, um espaço-tempo, um espaço econômico, um espaço social e um espaço percebido e vivido” (p. 39).

O geógrafo Paul Claval lançou em 1981, o livro *La logique des villes*, e ele parte da ideia de que a cidade é “[...] uma organização destinada a maximizar a interação social” (p. 4). A urbanização encontraria seu dinamismo na necessidade de interação (p. 53), que é examinada junto com a comunicação e a centralidade (p. 56). Em 1988 no *Dictionnaire de l’urbanisme et de l’aménagement* ele adiciona que três condições são indispensáveis para a constituição de uma cidade: aglomeração das construções; certos traços sociais da população e uma certa dimensão (p. 706).

O geógrafo brasileiro Roberto Lobato Corrêa (1989), definiu o “espaço urbano” como um “espaço fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campos de lutas” (p. 9), no seu livro *O Espaço Urbano*.

Em 1989 Manuel Castells lançou o livro *A Cidade Informacional*, com o subtítulo de “Tecnologias de informação, reestruturação econômica e o processo urbano regional”, no qual ele anuncia “o surgimento histórico de um espaço de fluxos, superando o significado do espaço dos lugares” (p. 483), mas não define cidade, trabalhando com a noção de “cidade dual”, cuja estrutura espacial combinaria segregação, diversidade e hierarquia (p. 320).

Para o geógrafo Marcel Roncayolo (1990) a cidade “é um território particular ou uma combinação de territórios” e a cidade também organizaria um território ou um sistema de relações (p. 20). Para o estudo das cidades deveriam ser analisadas a população, as funções, a cultura, a morfologia, a divisão social e divisão funcional do espaço urbano, a política e o território.

Também em 1990 o urbanista Francesco Indovina propôs o conceito de cidade difusa, caracterizada por uma massa consistente de população, serviços e atividades produtivas; dispersão em um território muito vasto; e alta conexão entre os distintos pontos do território (2004, p. 55);

No livro da socióloga Saskia Sassen *The Global City* (1991): a cidade global é conceituada como uma aglomeração de funções centrais em poucas cidades numa economia globalizada, quando a autora faz o debate sobre as cidades globais Nova York, Londres e Tóquio. Poderíamos levantar a questão se a melhor definição não seria “Metrópole Global”?



Para Brunet et al. no seu dicionário *Les mots de la géographie* (1993) a cidade é definida como “uma aglomeração de imóveis e de pessoas de alguma importância, e que originalmente se distinguia do campo agrícola”. Mas a cidade também reúne pessoas que vivem fundamentalmente do comércio e dos serviços. Ela é, sobretudo, “o lugar onde se elaborou a civilização, ou se desenvolveram a informação, a formação e a inovação”. A cidade é também um lugar de acumulação de riquezas (p. 508). A geografia urbana estudaria o espaço urbano e as redes urbanas (p. 509).

Em 1994 o geógrafo brasileiro Milton Santos estabeleceu a diferença entre “urbano”, que seria frequentemente o abstrato, o geral e o externo, e a “cidade”, seria o particular, o concreto e o interno (p. 69). A cidade seria para o autor ao mesmo tempo, uma região e um lugar (p.71).

O PERÍODO ATUAL (1995-2015)

No livro do falecido urbanista francês François Ascher Métapolis, de 1995, é examinada a formação de novas formas espaciais que ultrapassariam e englobariam as metrópoles existentes, numa análise na fronteira entre o urbano e o regional.

Deve ser destacado ainda o livro *A Cidade Pós-Moderna* (1997), do italiano Giandomenico Amendola, talvez a melhor crítica sobre a nova temática. Informa outras denominações sugeridas que procuram nominar os resultados de desurbanização e delocalização atuais: Outer Cities; Technopoles; Technoburbs; Silicon Landscape; Metroplex; 100 Miles City.

Christine Boyer no seu livro *Cybercities* de 1996, define CyberCities como uma mistura desajeitada de distopia urbana e cyberspace, que revela a profunda mudança que ocorre como a da transformação da cidade máquina do modernismo na cidade informacional do pós-modernismo (p. 14). As CyberCities corresponderiam também a uma narrativa da desmaterialização do espaço físico e do tempo cronológico (p. 18).

Para Zoildo et al., autores do *Diccionario de geografia urbana, urbanismo y ordenación del territorio* (2000), a cidade seria um “Núcleo de população de certas dimensões e funções especializadas em um território amplo” (p. 78), enquanto que a aglomeração urbana seria uma “forma de ocupação do solo em que uma cidade principal, afetada por um rápido crescimento, gera o aparecimento em seu entorno de uma coroa metropolitana” (p. 20).

Edward Soja no seu livro *Postmetropolis*, de 2000, distingue seis discursos sobre a pós-metrópole, que podem sintetizar o debate atual sobre as cidades: (1) a metrópole industrial pós-fordista; (2) a globalização do Cityspace; (3) a reestruturação da forma urbana; (4) a cidade fractal: a reestruturação do mosaico social; (5) administrando o espaço na pós-metrópole; e (6) reestruturando o imaginário urbano.

No *Dictionnaire La ville et l'urbain* (2006), a geógrafa francesa Denise Pumain caracterizou a cidade como “um meio de habitat denso, caracterizado por uma sociedade diferenciada, uma diversidade funcional, uma capitalização e uma capacidade de inovação que se inscrevem em múltiplas redes de interação e que formam uma hierarquia, que incluem nós de mais em mais complexos que vão desde as pequenas cidades até as maiores” (2006, p. 303).

O debate sobre a cidade pode ser concluído comentando o livro *L'Aventure des mots de la ville*, por Topalov et al. (2010), com 1.493 páginas, contendo 264 artigos, escritos por 160 autores em oito línguas (alemão, árabe, espanhol, francês, inglês, italiano, português e russo), o que mostra a riqueza e a imensidão da temática. As diferentes palavras e suas traduções nas referidas línguas também confirmam a diversidade deste fenômeno universal: cidade (português), città (italiano), city, town (inglês), ciudad (espanhol), gorod (russo), médina (árabe), stadt (alemão), ville (francês).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para um mundo em que o espaço e as distâncias estão mudando de valor, pode-se perguntar se ainda tem sentido de denominar “cidade” os diversos fenômenos complexos que encontramos em diferentes contextos históricos e geográficos.

Devem ser considerados, portanto, os períodos históricos, as localizações geográficas e as formações dos autores.

Seria a mesma coisa a cidade medieval com seus muros separando do campo e a metrópole atual sem limites definidos? Seria a mesma coisa a dispersa cidade norte-americana, a concentrada cidade europeia, a desigual cidade brasileira, sem falar das cidades africanas e asiáticas?

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- AMENDOLA, Giandomenico. **La Ciudad Postmoderna** (1997). Madrid: Celeste, 2000.
- ASCHER, François. **Métapolis ou l'avenir des villes**. Paris: O. Jacob, 1995.
- BASTIÉ, J.; DEZERT, B. **L'espace urbain**. Paris: Masson, 1980.
- BRUNET, Roger et al. **Les mots de la géographie**. Paris : Reclus, 1993.
- BOYER, Christine. **CyberCities**. New York : Princeton Architectural Press, 1996.
- CASTELLS, Manuel. *La question urbaine* (1972). Paris: François Maspero, 1977.
- CASTELLS, Manuel. **La Ciudad Informacional**. Madrid: Alianza, 1995 [1989].
- CERDÁ y SUNYER, Ildefonso. **La Théorie générale de l'urbanisation**. Paris : Seuil, 1979 [1867].
- CLAVAL, Paul. **La logique des villes. Essai d'urbanologie**. Paris: Litec, 1981.7
- CLAVAL, Paul. Ville. In: MERLIN, P.; CHOAY, F. (Dir.) **Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement**. Paris, P.U.F., 2008, p. 706.
- CORREA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1989.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. Prefácio, in SPOSITO, M. E. B.; GOES, E. M. **Espaços Fechados e Cidades**. São Paulo, UNESP, 2013, p. IX-X.
- GOTTMANN, Jean. *Megalopolis, or the Urbanization of the Northeastern Seaboard* [1957]. In: Mayer; Koh, (Ed.) **Readings in Urban Geography**. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1959, p.46-56.
- HARVEY, David. **A Justiça Social e a Cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980 [1973].
- INDOVINA, Francesco. *La ciudad difusa*. In MARTIN RAMOS (ed.) **Lo urbano en 20 autores contemporáneos**. Barcelona: Edicions UPC; ETSAB, 2004, p. 49-59.
- LACOSTE, Yves. **Dicionário de Geografia**. Lisboa, Teorema, 2005 [2003].
- LEFEBVRE, Henri. **La révolution urbaine**. Paris: Gallimard, 1970.
- LEFEBVRE, Henri. **Le droit à la ville** (1968). Paris: Anthropos, 1972.
- LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. Lisboa: Eds. 70, 1988 [1960].
- MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã** (1846). São Paulo: Moraes, 1984.
- MAUNIER, René. **L'origine et le fonction économique des villes**. Paris, L'Harmattan, 2004 [1910].
- MUMFORD, L. **La Cultura de las Ciudades**. Buenos Aires : Emecé, 1945 [1938].
- PARK, Robert E. *The City: Suggestions for the Investigation of Human Behavior in the Urban Environment*. In PARK, R. E. ; BURGESS, E. W. (Org.) **The City**. Chicago, University of Chicago Press, 1976, p. 1-46 [1916].
- PELLETIER, Philippe. *A Cidade e a Geografia Urbana em Elisée Reclus e sua época*. In COELHO, P. A. (org.) **Elisée Reclus. Renovação de uma cidade; Repartição dos homens**. São Paulo: Expressão e Arte; Imaginário, 2010, p. 9-28.
- PUMAIN, D.; PAQUOT, T., KLEINSCHMAGER, R. **Dictionnaire La ville et l'urbain**. Paris : Anthropos, 2006.

- RATZEL, Friedrich. **Anthropogeographie**. Stuttgart : Engelhorn:1881-1891.
- RONCAYOLO, Marcel. **La ville et ses territoires**. Paris: Gallimard, 1990.
- SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SASSEN, Saskia. **The Global City**: New York, London, Tokyo. Princeton: Princeton Univ. Press, 1991.
- SOJA, Edward. **Postmetropolis**: Critical Studies of Cities and Regions. Oxford: Blackwell, 2000.
- TONNIES, Ferdinand. Communauté et société, catégories fondamentales de la sociologie pure (1887). In: Ansay ; Schoonbrodt (Dir.). **Penser la ville**. Bruxelles: A.A.M., 1989, p.441-447.
- TOPALOV, Christian et al. **L'aventure des mots de la ville**. Paris : Robert Laffont, 2010.
- VASCONCELOS, Pedro de A. **Dois Séculos do Pensamento sobre a Cidade**. Salvador: Edufba; Ilhéus: Editus, 2012.
- WEBER, Max. **The City** (1921). New York: The Free Press, 1958.
- WIRTH, Louis. Le phénomène urbain comme mode de vie (1938). In: Grafmeyer: Joseph. **L'Ecole de Chicago**. Paris: Aubier, 1994, p.255-280
- WRIGHT, Frank Lloyd. **La ville évanescence**. [Paris], Infolio, 2013 [1932].
- ZOIDO, Florencio et al. **Diccionario de geografía urbana, urbanismo y ordenación del territorio**. Madrid: Ariel, 2000.

Trabalho enviado em dezembro de 2015
Trabalho aceito em janeiro de 2016

